



Ano 2 | # 1 | edição bimestral | janeiro e fevereiro de 2009

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

30 valiosos anos muito bem contados

GOBBI, Maria Cristina. **A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina: 30 anos da Alaic**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Methodista, 2008.278 p.

ISBN 978-85-7814-052-6

Márcio Fernandes¹

Não faz muito e Maria Cristina Gobbi me disse, em uma de nossas conversas Brasil afora, que pretendia transformar em livro os resultados obtidos em seu pós-doutorado (2006-2007) no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo, o Prolam/Usp. Poucos meses, portanto, se passaram e já estou com a obra em mãos, fruto da união de três fatores fundamentais: um tema absolutamente relevante, uma escritora disciplinada e de texto fluente e uma instituição devidamente reconhecida como referência educacional no continente, a Universidade Metodista de São Paulo, Umesp, que apoiou a materialização do que Maria Cristina produziu nos dois anos em questão.

A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina, ainda que tenha 10 partes (prefácio, capítulos, anexos, etc), pode ser um livro dividido em duas metades: primeiro, a recuperação, descoberta e releitura de fatos importantes das três décadas de atuação da Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic) e, segundo, uma espetacular análise dos Grupos de Trabalho (GTs) havidos nos congressos da Alaic entre 1998 e 2006, nos quais a

¹Jornalista profissional, correspondente da revista Rolling Stone, mestre em Comunicação e Linguagens, presidente do Fórum Nacional de Coordenadores de Comunicação das Universidades Estaduais e Municipais (Focco/Abrium) e professor concursado do Departamento em Comunicação Social (Decs) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná.

autora se consagra por duas razões – a quanti (pela checagem de 1.576 textos) e a qualitativa, como se pode ver ao longo das 278 páginas da obra.

A primeira metade

Logo de início, Maria Cristina Gobbi mostra conhecer o valor do livro que trouxe ao mercado editorial, ao se fazer acompanhar, no prefácio e no prólogo, de dois líderes da Comunicação latina. Margarida Maria Krohling Kunsch (prefácio) e José Marques de Melo estão no seio da Alaic. Ela, por exemplo, presidiu a entidade entre 1998 e 2005, enquanto Marques esteve à dianteira da Alaic de 1989 a 1992. Mais: os dois estão entre os 56 que assinam a famosa ata que cristalizou a reconstituição da entidade, em 8 de setembro de 1989, na capital catarinense, Florianópolis. O documento, valioso ao extremo, é reproduzido entre as páginas 261 e 267. Nele, estão contidos nomes de pesquisadores já tarimbados à época – Jesus Martin-Barbero, espanhol, é um deles – e de jovens iniciantes - caso do brasileiro Sérgio Luís Gadini, agora doutor em Comunicação e referência internacional em estudos de Folkcom -, em uma mescla etária que é também uma marca, cabe dizer, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a Intercom.

No final de seu prefácio, Margarida encontrou as palavras certas para definir o estudo de Maria Cristina:

O livro surge em um momento muito oportuno quando comemoramos os 30 anos de existência da nossa entidade. Certamente, este trabalho da Cristina ficará registrado como exemplo para as futuras gerações de que vale a pena acreditar em ideais, mesmo que se vislumbrem como utópicos.

Não é demasiado dizer, entretanto, que a utopia neste caso é anterior à formação da Alaic, como bem conta a autora na parte 1 do livro (páginas 35 a 77), quando apresenta ao leitor o que chama de *Contextos e cenários*, citando a relevância de acontecimentos como a criação em 1935 da primeira escola de Comunicação no espaço latino, em La Plata (Argentina, ainda em funcionamento), e do Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación en América Latina (Ciespal, 1959, Equador), só para citar dois ali elencados.

Pois foi assentada em parte no lastro que esses organismos formaram, bem como pela atuação de dezenas de pesquisadores a partir da metade do século 20 (Luís Ramiro Beltrán, boliviano, é um

deles), que a Alaic se estruturou, tendo como marco inicial as reuniões entre os dias 16 e 17 de novembro de 1978, em Caracas, solo venezuelano. Diz Maria Cristina, à página 64:

A partir das várias leituras que realizamos é possível afirmar que a Alaic nasceu para ser uma entidade capaz de congregar pesquisadores; permitir uma comunicação plural e representativa na América Latina; apoiar, incrementar, promover melhorias e difundir as pesquisas na área da Comunicação na região; e capacitar recursos humanos para esse mote de investigação.

Decorridos os primeiros e difíceis anos (recorde-se que o cenário político e social na América Latina era conturbado, o que prejudicou a atuação da entidade), a Alaic passou a ter sobrevida de 1989 em diante, como a autora descreve na parte II, denominada *Produção criativa*. A Associação – pobre em recursos, mas com enorme riqueza de pensamento, conforme Martin-Barbero (p. 79) – havia sido recuperada a partir de um evento além-mar, ainda em junho de 1988, durante congresso em Barcelona, Espanha. Dali em diante, continua Maria Cristina, diversos passos foram dados até que, em setembro do ano seguinte, deu-se a lavratura da famosa ata citada anteriormente.

A partir de então, a Alaic deslanchou – passou a ter uma sede, na Usp; um boletim, o *Comunicación para América Latina*; encontros regulares de seus membros, do México (1994) ao Brasil (2006); e assim por diante, como detalhadamente pondera a autora entre as páginas 79 e 193.

As contribuições da Alaic

Mas, se havia apresentado excelentes credenciais naquela que classifiquei de parte inicial livro, é na metade final do estudo que Maria Cristina se sobressai enquanto pesquisadora do primeiro time das Ciências da Comunicação na América Latina. Durante a estadia no Prolam, a futura PhD analisou a produção dos GTS da Alaic de 1998 a 2006 e distribuiu 450 questionários (em português e espanhol) nos 22 GTs do congresso de 2006, em São Leopoldo (Brasil), tendo analisado qualitativamente os que lhe foram respondidos e devolvidos adequadamente.

Pois o *capital científico* da Alaic, como descreve a autora, é pormenorizado entre as páginas 200 e 239, indicando as contribuições da entidade para a área desde 1978. O passar de olhos acurado por

este intervalo de páginas permitirá ao leitor interpretações de diversas matizes, a partir das várias tabelas ofertadas em *A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina*. Uma delas pode ser especial, se o foco do interesse for o futuro da Alaic – a Tabela 8 (p. 218), que aponta o total de trabalhos em GTs de 1998 a 2006 por país.

Somadas, as inserções de Brasil e Argentina no período atingem 72%, consequência de 50% do primeiro e 22% da nação vizinha. Bem atrás, México (7%) e Chile (3%). Neste quesito, Costa Rica, Cuba, Equador, Guatemala, Nicarágua e Paraguai são alguns dos reprovados, pela participação zero. Tais resultados, observa-se, permite concluir que um dos desafios mais relevantes da Alaic é estimular a formação/adesão de pesquisadores desses tantos países até agora sem envolvimento no âmbito da apresentação de papers nos encontros da Alaic.

Prosegue Maria Cristina, quase ao fim de seu livro (p. 242):

Os caminhos percorridos pela Alaic [...] foram múltiplos. Ora lutava pela sobrevivência, estimulava a pesquisa e produzia alternativas. Outras vezes buscava formas de oficializar seus compromissos com os estudos em Comunicação de forma plural e ampla.

E conclui, também quanto ao que está por vir:

Os desafios são inúmeros. A nossa área está cercada por reptos que eclodem em cenários diversificados, necessitando de consolidação e legitimação. Os espaços nos centros articulados de pesquisa, como o da Alaic, oferecem a institucionalização necessária para que possamos intercambiar informações e contemplar as várias especificidades, quer do campo ou da área.

A autora e co-autora de diversos livros e docente universitária Maria Cristina Gobbi, enfim, subverteu um clichê que ronda professores de qualquer segmento, o de que costumam ser ilegíveis em muitos de seus textos, sem que a sociedade perceba a validade de seus objetos de análise e respectivas conclusões. Ela pesquisou e escreveu muito sobre a relevância da Alaic em *A batalha pela hegemonia comunicacional na América Latina*. E muito bem, como facilmente o leitor perceberá da primeira à última linha.